



---

## RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, PODER E GÊNERO: a categorização binária dos elementos sociais

Talita Gonçalves Medeiros<sup>1</sup>  
Joana Maria Pedro<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo possui como finalidade investigar e problematizar como a linguagem age na categorização binária de elementos sociais. Essa ação, permeada pelas relações de poder nas sociedades, estimula, classifica e denomina o que cabe a cada sexo/gênero. Essa reflexão possui como suporte materiais resultantes de uma oficina ofertada na Universidade Federal de Rio Grande/RS – FURG no ano de 2016, cuja problemática objetivava tencionar e questionar o Gênero e a Cultura Material: relações econômicas, sociais e de poder, na constituição do espaço doméstico. A dinâmica de execução da oficina destinava-se, de forma provocativa, apresentar 10 imagens nas quais as/os participantes deveriam assinalar se o objeto apresentado era de “homem” ou de “mulher”. A intenção com esta exposição das imagens era fazer com que as/os participantes compreendessem a importância relacional dos estudos de Gênero e como os elementos ali presentes eram atravessados por este viés. Vale ressaltar que no material recolhido das/os 6 (seis) participantes não foi assinalada em nenhuma das imagens que o objeto em destaque apresentava a problemática de gênero e que o material exposto era um campo relacional, e portanto, apenas foi assinalado “homem” ou “mulher” ao lado de cada imagem. Desta forma, esta escrita visa contribuir para a ampliação das pesquisas e debates no campo de estudos de Gênero e na construção de diálogos nos campos da linguagem e das relações de poder na História.

**PALAVRAS CHAVE:** Linguagem. Gênero. Poder. Sociedade. Binarismo.

## RELATIONS BETWEEN LANGUAGE, POWER AND GENDER: the binary categorization of social elements

### ABSTRACT

This article aims to investigate and problematize how language acts in the binary categorization of social elements. This action, permeated by the relations of power in societies, stimulates, classifies

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). *E-mail:* [tgmhistoria@gmail.com](mailto:tgmhistoria@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. *E-mail:* [joana.maria.pedro@ufsc.br](mailto:joana.maria.pedro@ufsc.br)

and denominates what belongs to each sex/gender. This reflection is supported by materials resulting from a workshop offered at the Federal University of Rio Grande/RS - FURG - in the year 2016, whose problems were aimed at stressing and questioning Gender and Material Culture: economic, social and power relations, in the constitution of domestic space. The dynamics of the execution of the workshop were provocatively designed to present 10 images in which the participants should indicate if the object presented was "man" or "woman". The intention with this exposure of the images was to make the participants understand the relational importance of the studies of Gender and how the elements present there were crossed by this problematic. It is noteworthy that in the collected material of the 6 (six) participants it was not indicated in any of the images that the featured subject presented the gender problem and that the material exposed was a relational field and therefore was only designated "man" or "woman" next to each image. In this way, this writing aims to contribute to the expansion of research and debates in the field of Gender studies and in the construction of dialogues in the fields of language and power relations in History.

**KEY WORDS:** Language, Gender, Power, Society, Binarism

## 1. INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA.

Conicionados pela divisão binária, nossos pensamentos formulam, classificam e se expressam de forma binária através da linguagem. As representações postas através dela formulam a relação sexo/gênero que estipulam e determinam ações, atitudes e modos a partir daquilo que é denominado como “homem” ou “mulher” (BUTLER, 2003). Alcançando o poder de representação e a performatividade, essas ações da linguagem dividem e hierarquizam objetos e pessoas através de uma matriz heterossexual binária posta na sociedade.

Dessa forma, a linguagem como um campo político que constantemente busca a afirmação de uma dada realidade, posta nas classificações binárias, separa e classifica objetos de “homem” e de “mulher”. Logo, isso demonstra aquilo que Judith Butler (2003) chama de "termos pressuposicionais", que seriam, segundo a filósofa, ações condicionadas pela representação social, que agem como sistemas simbólicos, “políticos e linguísticos [que] estabelecem, a priori, o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados e representados” (BUTLER, 2003, p.25) estipulando performances para *o* homem ou *a* mulher.

Para Judith Butler (2012, p. 34) performatividade, “no es pues un ‘acto’ singular, porque siempre es la reiteración de una norma o un conjunto de normas y, en la medida en que adquiera la condición de acto en el presente [...]”, pois “[...] esta morfología imaginaria no es una operación pre social o pre simbólica, sino se trata de una operación orquestrada mediante esquemas

reguladores que producen posibilidades inteligibles y morfológicas” (BUTLER, 2012, p. 36). Assim sendo, essas ações performativas se configuram, segundo Butler (2012, p.18), a partir da “[...] práctica reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra”.

Do mesmo modo, conforme Michel Foucault (2013), o discurso que produz essa materialização nos corpos somente é possível dada a sua repetição e, portanto, as suas constituições de verdade. Uma vez designado o discurso como verdadeiro, institui-se algo, marca-se como verídico, inquestionável. Portanto, esse discurso proferido pela linguagem torna-se um elemento utilizado como instrumento de nomeação. Assim, ao afirmar que nascemos sob uma determinada matriz, vagina ou pênis, essa matéria ao ser constituída, homem ou mulher, pelo discurso, marca e forma, a diferença sexual através da linguagem e é constitutiva da materialidade, permite que os corpos que importam (heterossexuais), passem a ser regulados e controlados, exigindo suas performances condizentes ao “sexo”, representação, como nos afirma Butler (2003).

Contudo, é válido observar que essas definições, classificações e nomeações são datadas e históricas. Relações entre mulheres de elite<sup>3</sup> privadas e homens públicos encontraram reverberação principalmente no final do século XVIII e início do século XIX com a Revolução Francesa. Com acentuado reforço nas definições de espaços e comportamentos “adequados” e performativos para cada “sexo”, o condicionamento de atitudes e ações tornou-se um dos elementos de organização e de formação social com base naquilo que era destinado para “homens” ou para “mulheres”. Dessa forma, reforçados pelo uso da linguagem binária, a definição de objetos identificados e identificadores para cada “sexo”, permitiu e projetou definições quase que encerradas sobre o que era permitido e destinado para cada universo. Essas acepções ainda hoje encontram espaço de atuação na sociedade, como podemos verificar nos gráficos expostos ao longo do texto.

## 2. CAMINHOS TRILHADOS PARA A EXECUÇÃO DA OFICINA: REFLEXÕES PRÉVIAS.

Fomos apresentadas ao livro da Vânia Carneiro de Carvalho (2008) intitulado *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material - São Paulo, 1870-1920*, durante a realização da disciplina nomeada como Tópico Especial: *Cultura material: teoria e metodologia da pesquisa*, ministrada pelo professor/doutor Thiago Sayão. Instigadas com a proposta da obra que

---

<sup>3</sup>Vale destacar que foram principalmente as mulheres de classe médias e burguesas que se tornaram mulheres privadas.

visava discutir “o enraizamento das práticas tradicionais de distinção de gênero no cotidiano. Especificamente, trata-se de entender as relações de gênero a partir dos padrões de organização material da moradia” (CARVALHO, 2008, p. 20), escolhemos o exemplar como objeto para nossa apresentação no seminário da disciplina. Passadas algumas semanas após nossa apresentação na disciplina, recebemos e-mails divulgando a 16ª MPU - Mostra de Produção Universitária- da Universidade do Rio Grande/RS que possuiu no ano de 2016, como tema: *Diferentes Aprendizados, Múltiplos Saberes*.

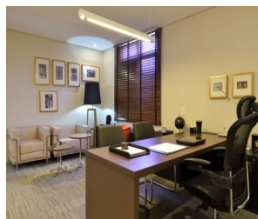
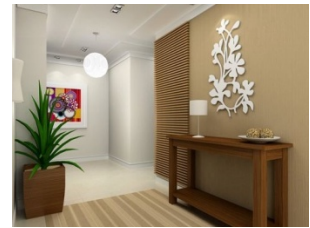
Em diálogo com nossa orientadora, demonstramos interesse em propor uma oficina sobre a temática - que em nossa concepção cruzava de forma significativa com a questão abordada pela MPU - que havíamos discutido na aula do professor Sayão. Encorajadas com o estímulo de nossa professora, realizamos a inscrição no evento. Nossa participação na 16ª MPU tinha como objetivo ofertar uma oficina que propunha a reflexão através da problemática das relações de gênero e a cultura material.

Assim, inspiradas nos estudos de Vânia Carneiro de Carvalho: *Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* – São Paulo, 1870- 1920 do ano de 2008 e nas reflexões a cerca dos estudos de Gênero, principalmente com autoras como Joana Maria Pedro (1994, 2000, 2005 e 2011), Judith Butler (2003, 2012), Anne McClintock (2010) e Joan Scott (1990, 1992, 2001), nossos objetivos encerravam-se na iniciativa de propormos uma atmosfera de questionamento e de debate a cerca do espaço doméstico e as relações de gênero.

Desta forma, a oficina possuiu como objetivo tencionar e problematizar as organizações sociais da cultura material a partir das relações de gênero e as suas apropriações no ambiente doméstico. E com essa finalidade, iniciamos com uma breve apresentação das três “ondas” do feminismo e das discussões referentes a cada uma delas e, posteriormente, a uma exposição acerca da categoria de análise Gênero. A escolha das imagens apresentadas na oficina ocorreu de forma reflexiva e avaliativa. A finalidade era de instigar e propor a reflexão em cada imagem projetada pelo data show.

No dia da realização do estudo, após esse diálogo, apresentamos 10 (dez) imagens para o grupo e, a partir delas, as/os participantes deveriam assinalar no questionário, levado pelas proponentes da oficina, se as imagens apresentadas referiam-se à categoria de “homem” ou de “mulher”. Respondido o questionário, iniciamos um diálogo e uma reflexão acerca das imagens expostas, a partir da categoria de análise gênero e as suas implicações com as relações sociais,

econômicas e de poder. Abaixo destacamos as imagens apresentadas na oficina e, do mesmo modo, o questionário.



15ª MOSTRA DA  
**PRODUÇÃO**  
UNIVERSITÁRIA

de 19 a 21 de outubro

Inclusão e Democratização  
da Universidade Pública

Diferentes **aprendizados**,  
múltiplos **saberes**.

Nome:

E mail:

Imagem 1: Mulher [ ] Homem [ ]

Imagem 2: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 3: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 4: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 5: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 6: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 7: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 8: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem 9: Mulher ( ) Homem ( )  
Imagem10: Mulher ( ) Homem ( )

Observações:

Após recolhermos o material das/os 6 (seis) participantes da oficina, analisamos os dados e compomos em forma de gráficos nossa análise que, juntamente com as discussões teórico-metodológica abordadas, podem demonstrar a discussão proposta neste espaço.

### 3. RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, PODER E SOCIEDADE: ANÁLISE DOS DADOS RESULTANTES DA OFICINA.

A partir dos gráficos expostos abaixo, poderemos compreender que objetos voltados para o lar, tais como a cozinha, a casa, a sala de estar, a sala de jantar e a fotografia foram elencados como objetos de “mulher”. Já os elementos como o consultório, os óculos, o escritório e a caneta foram categorizados como elementos de “homem”.

Gráficos que destacam os objetos considerados como de “homem”<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup>Todos os gráficos apresentados ao longo do texto foram produzidos pelas autoras com a finalidade de demonstrar a proposta do artigo.

Imagem 1: Caneta

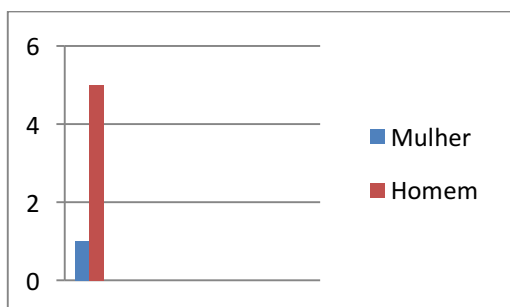


Imagem 2: Óculos

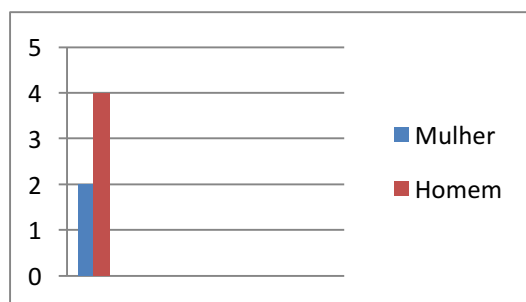


Imagem 3: Escritório

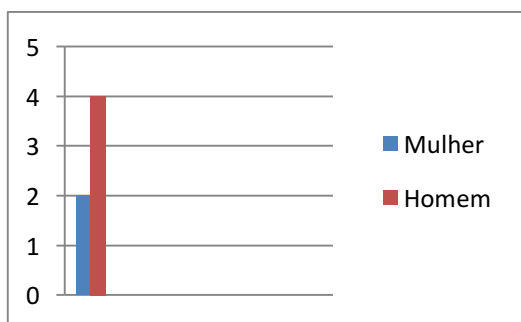
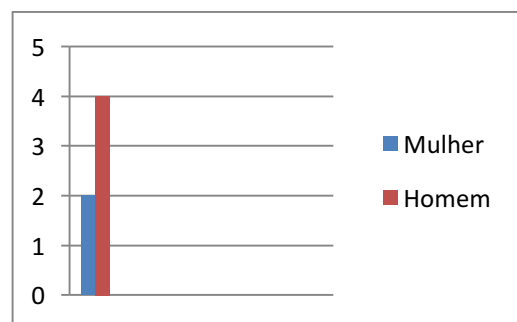


Imagem 4 Consultório



A partir dos gráficos expostos acima, podemos verificar que as respostas das/dos participantes foram condicionadas pelas imagens e as suas representações de “homem” ou de “mulher”. Símbolo de masculinidade, os óculos, o escritório, a caneta e o consultório, são os elementos de ações centrípetas, conforme Carvalho (2008) as quais se configuram como

objetos que ‘buscam’ o centro, no qual se encontra a figura substantiva do homem. Há, portanto, uma hierarquia centralizadora entre pessoas e objetos, na qual os atributos dos objetos nunca sobrepujam o homem, ao contrário, eles servem para desenhar a personalidade de gênero individualizadora [...] (CARVALHO, 2008, p. 43).

A partir disso, os objetos descritos como de “homem” são objetos de uso particular, individual e por vezes de uso único. Elementos como a caneta, o escritório, os óculos, referem-se a atividades intelectuais e de produção de ideias, geralmente tidas como ações masculinas, as quais revelam sua ligação com o trabalho no espaço público. Dessa forma, podemos compreender como o homem se estabelece e se configura enquanto uma personalidade de individualização e como os objetos que fazem parte de seu cotidiano devem estar adequados a sua personalidade pública. A

autora discute, ainda, a importância de objetos funcionais e afirma que eles devem ser entendidos “como um resultado *da* prática social, cotidianamente reiterado *pela* prática social [...]” (CARVALHO, 2008, p. 44).

Dessa forma, a clivagem entre espaços e concepções de autoridade a partir do uso desses elementos *da e pela* prática social possui estreita ligação com as funções assumidas por cada “sexo” na formação social e na base familiar, herança das revoluções burguesas que aconteceram na Europa nos séculos XVII, XVIII e XIX, principalmente da Revolução Francesa e da Revolução Inglesa<sup>5</sup>, a nova sociedade que buscou no novo ideal de família- mulher restrita ao lar e dependente de seu marido; homem que atendia às necessidades de sua família e alcançava sua dignidade através de seu trabalho - as bases para sua organização política, cultural e econômica. Estas foram difundidas e incorporadas socialmente a partir de três elementos principais: religião, economia e educação.

No tocante a religião, nesse contexto, nos países anglo-saxões, o Evangelismo, um movimento reformador surgido dentro da Igreja Anglicana em meados do século XVIII, nascido a partir de uma reação ao metodismo<sup>6</sup>, propunha reformar a Igreja por dentro, através dos novos ideais e valores. Este novo modelo religioso visava o reconhecimento da culpa e a redenção dos seus pecados, uma vez que considerava o mundo um lugar de orgulho e pecado e apenas o contato próximo com a Bíblia, estudos e orações poderiam auxiliar na sua salvação. A fé individual foi posta pelos evangélicos como experiência religiosa e, por conseguinte, suas atitudes e ações seriam julgadas por um Deus que tudo ouve e tudo vê. Dessa forma, a recusa de atividades mundanas deveria partir do sujeito e o reconhecimento de que uma base familiar era vital e o melhor alicerce para uma vida cristã, era o primeiro passo para uma consagração plena. (HALL, 2009).

Nos povos de origem latina, fortemente influenciados e orientados pela teologia e ideologia católicas, a orientação para seus fiéis era/é uma vida espiritual seguida de regras definidas e de maneiras precisas, inspirada no Evangelho. Para alcançar a Deus, homens e mulheres possuem deveres e obrigações diferentes. O papel das mulheres na Igreja Católica, como nas demais Igrejas, é o auxílio, cooperação e manutenção da ordem e da moral. Já os homens, possuem como

---

<sup>5</sup>A Revolução Inglesa, ocorrida no século XVII, foi um dos principais acontecimentos da Idade Moderna. Foi considerada a primeira das grandes revoluções burguesas, isto é, as revoluções encabeçadas por lideranças da burguesia européia. Da mesma forma que a Revolução Francesa, a Revolução Inglesa alterou costumes, modos de vida e maneiras de relacionamento entre os sujeitos.

<sup>6</sup>O metodismo foi um movimento de avivamento espiritual cristão ocorrido na Inglaterra do século XVIII que enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã. O metodismo foi liderado por John Wesley, eclesiástico da Igreja Anglicana, e seu irmão Charles Wesley, considerado um dos maiores expoentes da música sacra protestante (Em <http://www.metodista.org.br/john-wesley>. Acessado dia 17/02/17)



atribuições, proteger e sustentar sua mulher e sua família. Ambos devem cooperar nas suas atividades para a consagração da família.

Aliada à religião, a educação e a crescente economia da época possibilitaram aos burgueses a separação de sua vida pessoal da vida profissional. O enriquecimento acentuado da época permitiu que as suas casas, geralmente localizadas em cima de suas lojas, fossem transferidas para outros locais com espaço mais amplo, com a presença de jardins e árvores que circundavam a casa. Deste modo, segundo Hall, (2009, p. 52), as atividades profissionais cada vez mais masculinizadas, e que oportunizaram saídas diárias do homem com a função de ampliar e diversificar os vários setores de suas empresas possibilitou para eles, um contato maior e mais duradouro com o espaço público. Vale ressaltar que os meninos, por volta dos doze ou treze anos já acompanhavam os pais nas atividades comerciais, enquanto as meninas ficavam em casa com suas mães aprendendo e desenvolvendo atividades domésticas.

Em relação às mulheres, para além de seus “dons naturais”, ainda cabia às mães, principalmente com as filhas, demonstrar “[...] o que deve ser uma mulher, qual seu papel no mundo, o significado do trabalho, do amor, da paixão, dos filhos, das regras de educação, a moralidade e os costumes, as prioridades das várias esferas [...]” (MINDLIN, 2000, p. 194). Cabia à mãe instruí-las para cumprir seus papéis sociais “naturais”,

formá-las em seus papéis futuros de mulher, dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, e sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas (PERROT, 2013, p. 93).

A figura materna nas relações sociais, econômicas e culturais passou a ser fundamental. Foi com a mãe e a partir da mãe, que a constituição de família, principalmente de elite, assume um viés de comportamento. Comportamento esse que deveria ser exemplar. A atenção dedicada especialmente às filhas deveria ser acentuada, a fim de transmitir a elas as honras e as obrigações de uma boa mãe.

Sendo assim, o confinamento das mulheres em suas residências tornava-se cada vez mais frequente. Distanciando-se desse mundo público, a maternidade e a administração doméstica para elas tornaram-se uma profissão. Responsáveis pelo lar e sua condução de forma exemplar, elas deveriam tornar a residência o refúgio do homem cansado e preocupado com os negócios e ao mesmo tempo um espaço de salvação:

a esfera pública era tida como perigosa e amoral. Os homens que circulavam nessa atmosfera só poderiam ser salvos com um contato regular com o mundo moral do lar, onde as mulheres eram portadoras desses valores puros capazes de neutralizar as tendências destruidoras do mundo dos negócios (HALL, 2009, p. 63)

Isso por que o lar e a família passaram a ser considerados “o centro da luta para reformar os hábitos e a moral; a família podia ser a ‘pequena Igreja’[...] e o ‘pequeno Estado’ [...]” (HALL, 2009, p. 52), onde o homem que assumia o papel de pai, esposo e provedor, e deveria também, exercer seu controle sobre as/os filhas/os e servidores. Do mesmo modo, convictos de que “[...] a mulher, por seu lado, era o centro do lar e da família” (HALL, 2009, p. 54) e das práticas religiosas, elas eram encarregadas de difundir a moral e os bons costumes e de conduzir sua família a partir desses novos ideais.

Com isso, a mulher tornou-se o principal alvo desses novos modelos de socialização. Segundo Joana Pedro (1994), havia prescrições e formas de “ser ‘distinto’ e ‘civilizado’, que incluíam modelos idealizados para as mulheres, segundo os quais deveriam restringir-se aos papéis familiares” (PEDRO, 1994, p. 31). A família tornou-se um elemento central no novo modelo de vida, que juntamente com a mulher deveriam representar aquilo que é digno, respeitável e de acordo com a moral e os bons costumes. A mulher guia de sua família, deveria refletir sua casa, seu marido e sua honra.

Isso nos leva à conclusão, de imediato, que as Revoluções Burguesas forneceram os sentidos e criaram um novo modelo de “homem” e de “mulher”, nos quais reformularam suas ações e atitudes, transformaram os ânimos, alteraram os costumes, criaram novos modelos de aparências e de linguagens, tanto no tempo e quanto nos espaços, modificando suas ações, atitudes e ações do exterior para o interior, como nos ensina Michelle Perrot (2009, p. 14) e de forma contínua e extensa atingiu as residências, principalmente as de elite. Dessa forma, a acentuação e a definição das esferas públicas e privadas, a valorização da família e das diferenças dos papéis sexuais estabelecidos, desenvolveu uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas, conforme Michelle Perrot (2009).

Essa acentuada divisão sexual, unida com a religião, a economia e a educação, proporcionou o cenário ideal para a difusão cada vez maior dos princípios religiosos que pregavam que cada sexo era diferente por natureza e com isso possuía suas características próprias, as quais deveriam seguir sem questionamentos, sendo que qualquer desvio ou crítica a esse modelo seria uma condenação ao fracasso (HALL, 2009).

Isso promoveu o condicionamento performático cada vez mais acentuado, atribuindo para homens e para mulheres tarefas e condutas de acordo com seu “sexo”. Da mesma forma, a linguagem binária ganhou espaço e força nesse campo e passou a ser utilizada repetidamente como reforço dessas atribuições destinadas a cada indivíduo. Esse enquadramento social, segundo Elena Belotti (1981), ocorre mesmo contra nossa vontade ou necessidade. Conforme a autora, “as raízes de nossa individualidade são profundas e nos escapam, pois não nos pertencem, foram outros que as cultivaram para nós, sem que disso tomássemos consciência” (BELOTTI, 1981, p. 9). Ela ainda complementa a discussão e afirma que

a cultura à qual pertencemos, como qualquer outra cultura, serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais conforme aos valores que interesse transmitir e conservar. O objetivo da identificação de uma criança com o seu sexo para qual a designaram é conseguido com bastante rapidez e não existem elementos para deduzir que este complexo fenômeno tenha raízes biológicas (BELOTTI, 1981, p.8).

Desse modo, Belotti (1891) nos afirma que os condicionamentos sociais e culturais aos quais são submetidos os indivíduos de acordo com os seus órgãos sexuais, são frutos dos condicionamentos sociais e culturais, criados e fortemente arraigados desde a nossa tenra infância, de modo que se torne naturalizado e rotineiro as divisões de brincadeiras, atividades, atitudes e formas de comportamento. Na maioria das vezes, sem qualquer tipo de questionamento, somos levadas/os a dividir, separar e elencar o que é de homem ou o que é de mulher, sejam eles objetos, carreiras, posturas, dentre tantos outros indícios de performatização baseada no “sexo”. Portanto, podemos compreender que a linguagem cria, define e classifica homens ou mulheres a partir daquilo que é entendido socialmente e culturalmente como de homens ou como de mulheres.

Desse modo, o fato de as/os participantes terem identificado a caneta, os óculos, o consultório e o escritório como objetos e lugares usados por homens encontra eloquência quando refletimos que esses objetos ao longo dos anos tornaram-se de fato objetos identificados e identificadores de ações e atitudes masculinas. Da mesma maneira, ocorre quando a identificação de objetos como: a cozinha, a sala de jantar, a sala de estar, hall de entrada e a fotografia são consideradas como lugares e atividades de “mulher”. Isso revela que esses símbolos de feminilidade, como podemos verificar abaixo nos gráficos, fazem parte da ação centrífuga. Essa ação centrífuga é aquela que define e centraliza a mulher em seu lar, permitindo que ela se torne a “continuidade entre corpo, objeto e espaço da casa” (CARVALHO, 2008, p. 224).

Não sendo naturais, essas relações de identificação da mulher com o seu lar foram/são frutos de um adestramento desde a infância. Brinquedos que imitam objetos e tarefas domésticas, bonecas que exigem da criança atitudes comparativas a da sua mãe no cuidado de crianças, cerceamento de brincadeiras tidas como masculinas, roupas que exigem da criança controle e “modos de menina” e o processo de imitação e identificação com a sua mãe, levam as mulheres desde cedo a saberem seu lugar, quais as ações que devem seguir e os modos de comportamento e de relação com os demais participantes de sua casa.

Guacira Louro (2007) chama esse processo de “dominação do corpo”, que ocorre pelo que ela chama de “fabricação” dos indivíduos. Para ela, o processo ocorre de uma forma muito branda e sutil, quase imperceptível, tornando as atividades de segregação algo natural. Assim, segundo a autora, ao dominar o corpo feminino, ao destinar suas preferências e atitudes, ensina-se às mulheres a olhar e a se olhar, ensina-se a ouvir, a falar e a calar, em suma, ensinam-se as mulheres a preferir e, dessa forma, “todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores ‘bons’ e decentes e rejeite os indecentes[...]” (LOURO, 2007, p. 59). Conforme a autora,

é fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam em nossa sociedade (LOURO, 2007, p. 15).

Da mesma forma, Michel Foucault (1989) chama esse processo de dominação/fabricação citado por Guacira Louro (2007), de “docilização dos corpos”. Segundo ele, são processos que visam fazer com que esses corpos possam ser modelados, treinados em favor de interesses de determinadas pessoas ou classes sociais. Ao silenciar o corpo, ao torná-lo dócil, é possibilitado o domínio no processo de ensino/aprendizagem dos indivíduos, principalmente das mulheres, tornando dessa forma o ensino das atividades domésticas em apenas uma via, sem o retorno do questionamento, da dúvida, não possibilitando aos corpos dóceis o processo de curiosidade.

Todo esse processo de dominação/fabricação do indivíduo ocorre, segundo Michel Foucault (1989), devido às relações de biopoder estabelecidas na sociedade, muitas vezes quase imperceptíveis na sua realização e execução. O biopoder está presente em diversas relações, sejam elas de mando, ordem ou naturalizadas nas divisões binárias, como no exemplo dos elementos elencados para a oficina.

Os gráficos abaixo podem ser pensados como resultado do cerceamento e do condicionamento das atitudes. Como se pode observar os lugares como casa, cozinha, sala de estar, sala de jantar e hall de entrada foram identificados como objetos de “mulher”.

Imagem 1: Hall de entrada

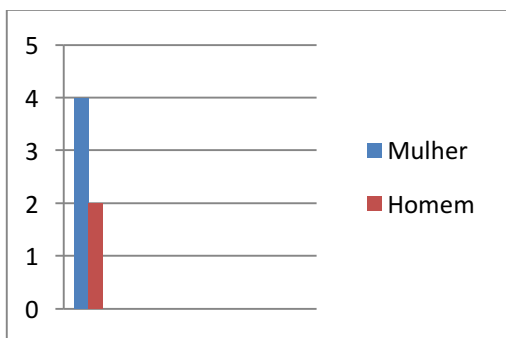


Imagem 2: Cozinha

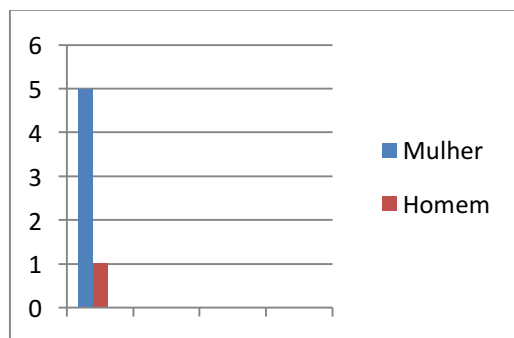


Imagem 3: Sala de estar

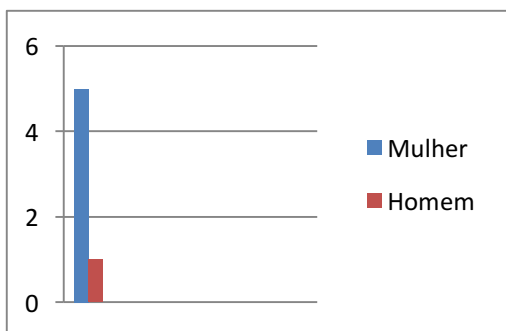


Imagem 4: Fotografia

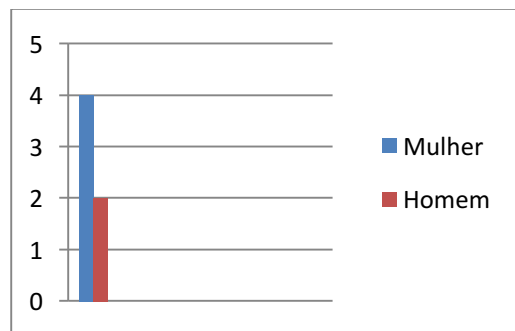


Imagem 5: Sala de jantar

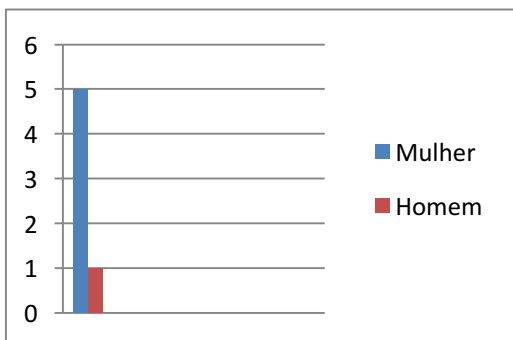
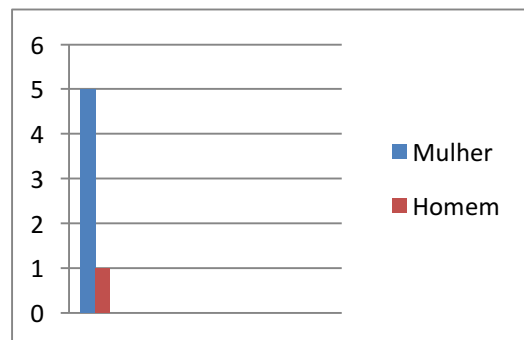


Imagem 6: Casa



A partir dos dados acima, concordamos com Carvalho (2008), que discorre sobre a importância de dialogar sobre essas formas cristalizadas que legitimam posturas a respeito dos comportamentos, das ações e dos usos de objetos referentes a cada “sexo”. Ainda conforme Carvalho (2008) é por meio das ações corporais que se produz e reproduz incessantemente uma forma de

viver e de perceber o mundo que é impregnada por determinantes sexuais. Portanto, é válido observar que as ações sexuadas não ocorrem fora do campo social, pelo contrário elas se dão num sistema que retroalimenta os valores e sentidos cristalizados na forma de postura de ser e de estar em casa e/ou no mundo, e dessa forma os gráficos revelam as classificações e hierarquizações realizadas a partir das relações de gênero. Assim,

essa percepção nos ajuda a não pensarmos a produção do masculino e do feminino de forma dissociativa, autônoma. Pelo contrário, os gêneros se constituem sempre em um contexto relacional, seja ele de oposição, submissão, equivalência ou complementação. (CARVALHO, 2008, p.276).

Com isso, o entendimento da autora vai ao encontro dos pensamentos de Joana Maria Pedro, 2011, que ao dialogar gênero com Joan Scott, 1990, nos afirma que a História vai além de fazer uma narrativa sobre gênero. Pedro (2011) problematiza essas questões e conclui que noções de “homem” ou “mulher” são criações históricas, sociais e culturais e que as relações de poder são dadas nas relações sociais entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens.

Portanto, a afirmação de Simone de Beauvoir (1980) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, tem a recíproca verdadeira na afirmativa de que não se nasce homem, torna-se homem! Assim podemos compreender com mais clareza a discussão proposta por Butler (2012) quando esta afirma que não nascemos sobre uma plataforma na qual o “gênero” será atribuído ao “sexo” posteriormente; sexo e gênero já se encontram imbricados e não há como separar essa relação de formação e de poder. Essa relação ocorre através de linhas paralelas (social e cultural) que estão em constante intercâmbio. Não há como separá-las, pois a performatividade, a mesma que constrói a materialidade dos corpos e materializa “sexo nos corpos”, consolida o poder imperativo da sexualidade. A materialidade é o efeito mais produtivo desse poder, que age através da linguagem e da formação discursiva.

É isso que os gráficos nos indicam: o discurso e o poder de nomeação são formulados, moldados e continuamente reforçados pela sociedade a partir das relações de gênero e as relações de poder existentes na execução do discurso. Portanto, os/as participantes da oficina, ao formularem discursos a partir das imagens relacionam a esfera privada à ideia de “mulheres” e as imagens de esfera pública como destinadas aos “homens”; desta forma reagiram ao condicionamento social performativo e através da linguagem proferiram discursos de acordo com a normativa social binária.

Em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud* (2001), Thomas Laquer afirma que a cultura expressa pela linguagem e amparada por ações políticas de poder, define e nomeia através dos órgãos genitais os sujeitos, classificando-os em homens e mulheres. Para Laquer, ao criar e marcar essas diferenças na carne é estabelecida a diferença sexual no corpo, permitindo assim que as relações de poderes sociais, econômicos e culturais formatem os sujeitos através do discurso e validem normas sociais binárias postas para cada “sexo”. Segundo o autor, a problemática de definição de cada sexo insere-se na capacidade de estipular uma diferenciação sexual, que o discurso e a linguagem ancorada ao poder executam na sociedade. Para ele, “a diferença sexual, portanto, parece já estar presente na forma como constituímos o significado [...] porque qualquer coisa que se diga, fora de contextos muito específicos [...] já vem moldada pela teoria da diferença ou da igualdade.” (LAQUER, 2001, p. 29).

Por esse mesmo viés, Monique Wittig (2006) também destaca a importância de problematizar a linguagem, com o objetivo de compreender como o poder age na sociedade buscando desenvolver definições sociais. Segundo a autora, ao entrelaçar poderes através de uma multiplicidade de linguagens, sejam elas sociais, econômicas, culturais, geracionais, elas tornam-se um campo político de disputa, onde a reiteração constante se traduz em um efeito de realidade social. Do mesmo modo, Denise Portinari (1989) nos ensina que o discurso é o meio pelo qual a linguagem, que serve de instrumento para designar, nomear, determinar o que “é”, acaba por definir algo ou alguém.

Ao destinar objetos para cada “sexo”, ao marcar corpos como homem ou mulher, o discurso, a regulação e a performatização estabelecem diferenças e com ela a produção do poder. A afirmação de Laquer (2001, p.25) de que “o sexo (...) é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder”, vai ao encontro do debate proposto por Butler (2003), que afirma que, assim como gênero, sexo também é um elemento criado e, portanto, definidor de espaços e ações condizentes com cada sexo, como se pode verificar nos gráficos acima.

Em vista disso, investigando e problematizando como a linguagem age na categorização binária de elementos sociais, o presente artigo, resultante da oficina mencionada, buscou, em sua ação provocadora, compreender como a imagem e o significado a ela atribuído definiram as respostas das/dos participantes. Influenciada pela perspectiva pós-estruturalista, a presente escrita buscou compreender o significante das respostas e a partir disso analisar como a linguagem, seja ela

verbal ou representativa no caso das imagens, ainda estão condicionadas e reforçadas pela versão estímulo-resposta, proposta pela teoria Behaviorista<sup>7</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma oficina sobre Gênero e a Cultura Material: relações econômicas, sociais e de poder na constituição do espaço doméstico, na Universidade Federal de Rio Grande/RS – FURG foi uma experiência singular. A problematização dos estudos de Gênero de forma interdisciplinar, com participantes de várias áreas tais como Educação, Sociologia, Matemática, História e Economia, possibilitou uma discussão rica, interativa e dinâmica. Apesar de poucas/os participantes, a discussão foi fomentada por muitas dúvidas, questionamentos e até mesmo confissões de preconceitos. Contribuir e receber contribuições para pesquisas, estudos e investigações, seja com indicações de livros, trocas de e-mails, sugestões e indicações de colegas pesquisadoras/es, nos moveu a perceber a importância dos estudos de Gênero e a importância do diálogo para além dos nossos pares. Ampliar o campo de discussões é fomentar e contribuir para uma sociedade mais justa, dinâmica e igualitária, passível de compreender as mais variadas formas e expressões de serem mulheres ou homens.

Portanto, o escopo da escrita, além de contribuir para a ampliação das pesquisas e debates no campo de estudos de Gênero e na construção de diálogos nos campos da linguagem e das relações de poder na História, também se destina a abrir um leque de novas possibilidades de pesquisas que se voltem para ações provocativas, analisando, questionando e por vezes refutando respostas prontas. Voltando nossos olhos para o questionamento dos significantes e como isso influencia nas ações humanas, na estrutura dos nossos pensamentos e nas ações da linguagem de nomeação, classificação e hierarquização, podemos/devemos questionar definições encerradas sobre o que é ser “homem” ou “mulher”, e buscar meios e espaços para o diálogo, lançando interrogações sobre as performances de gênero, as relações público/privado, e as representações referentes a cada “sexo”, fundamentais para auxiliar no rompimento de ações e usos atribuídos ao binômio homem/mulher.

---

<sup>7</sup> A teoria Behaviorista da linguagem parte do pressuposto de que o processo de aprendizagem consiste numa cadeia de estímulo-resposta-reforço. O ambiente fornece os estímulos - neste caso, estímulos linguísticos - e a criança fornece as repostas - tanto pela compreensão como pela produção linguística. A criança, por esta teoria, durante o processo de aquisição linguística, é recompensada ou reforçada na sua produção pelos adultos que a rodeiam, demonstrando que a linguagem humana, diferentemente das linguagens das abelhas e outros animais, não pode ser simplesmente reduzida a um sistema de estímulo-resposta.



A ação provocadora possuiu como intuito, conforme nos ensinou Louro (2007), questionar e desconfiar daquilo que é naturalizado e rotineiro. Isso é fundamental para que possamos questionar as práticas comuns, os gestos e as palavras banalizadas, as quais necessitam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento, e em especial de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”. Só assim podemos como nos ensina Belotti (1981, p. 9), auxiliar na tentativa “de arrebentar a cadeia de condicionamentos que vai se transmitindo quase intacta de uma geração para outra”.

Consideramos e destacamos a importância dessa oficina como um espaço de reflexão e diálogo e de conscientização da necessidade do rompimento binário e natural de objetos e espaços de “homem” e de “mulher”. Portanto, além da certeza de haveremos promovido o debate, o contato entre várias áreas de estudos e compreendermos as mais variadas experiências empíricas, teóricas e cotidianas compartilhadas pelos integrantes da oficina, destacamos a importância, a partir dos gráficos e da inquirição teórica e metodológica, de como o sistema simbólico estrutura nossa percepção e como a linguagem, em uma relação com o poder, moldura e define sujeitos em sexo e gênero. A realização dessa oficina e os vários estudos aqui analisados, sobre representação, linguagem, poder e sociedade, também nos trazem a certeza da importância e da necessidade da inclusão do campo relacional Gênero de forma transversal em todos os estudos, pesquisas e investigações em todas as áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAVOUIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1967.

BUTLER, Judith. *Corpos que importan*. Sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870- 1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 23 ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Catherine. *Sweet Home*. In: *História da vida privada, 4: Da revolução Francesa à Primeira Guerra*. (Org.) Michelle Perrot. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAQUER, Thomas. *Inventando o sexo*. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro; RelumeDumara, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes(org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial*. Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial. Campinas: Edunicamp, 2010.

MINDLIN, Betty. A panela feminina e feminista (cartas de mães e filhas) In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe* – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012

PEDRO, Joana Maria. *Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. Topoi, v. 12, n.22, jan-jun. 2011, p. 270 -283.

PERROT, Michele, *Minha História das Mulheres*. – 2º Ed., 1ª .reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013

PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2). Jul/Dez. 1990, p.5-22.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Barcelona: Egales, 2006.

*Recebido em: 23 de fev. 2016.*

*Aceito em: 03 de jun. 2017.*